

APRESENTAÇÃO

Eliane Silveira*

 <https://orcid.org/0000-0002-4862-4547>

Marcen Souza**

 <https://orcid.org/0000-0002-9521-6319>

■ **A** *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, apresenta o Dossiê Curso de Linguística Geral, em seu volume 22, número 2 de 2020. Constituído por artigos inéditos de pesquisadores das mais diversas instituições acadêmicas do Brasil, este Dossiê atesta a renovação da interpretação da obra saussuriana. Como nos diz Ítalo Calvino, “È clássico cio che persiste come rumore di fondo anche là dove l’attualità più incompatibile fa da padrona”, afirmação que nos ajuda a entender o lugar da produção de Saussure e sua potência há mais de um século.

Ao que tudo indica, a produção saussuriana é esse ruído na Linguística, área que deve a sua fundação como ciência moderna ao linguista genebrino, especialmente ao livro póstumo *Curso de Linguística Geral* (CLG), publicado no início do século XX. A compatibilidade teórica, contudo, não é um requisito na Linguística e, talvez, em nenhuma outra ciência, já que a pesquisa se alimenta dos estudos já realizados, mas só caminha se for além deles e, muitas vezes, contra alguns ou muitos dos seus aspectos. O presente dossiê confirma, portanto, essa vocação de Saussure para o clássico, esse “ruído” que vem do CLG e dos muitos e variados manuscritos produzidos durante a sua vida e dos quais a comunidade acadêmica tem tido notícias de tempos em tempos.

Os artigos aqui reunidos ocupam-se da especificidade de Saussure enquanto linguista, da fecundidade de seus textos e do destino da sua produção. Todos esses temas estão presentes a partir de uma interpretação que considera tanto

* Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: eliane.m.silveira@gmail.com

** Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: marcensouza@hotmail.com

o CLG quanto os documentos manuscritos, dispostos na Universidade Pública de Genebra ou na Universidade de Harvard. Além disso, consideram a vasta produção teórica sobre os temas saussurianos, composta não somente de uma bibliografia clássica, mas também de artigos recentes produzidos em todo o mundo. Dessa forma, o presente dossiê nos traz pesquisas atualizadas sobre a clássica produção de Saussure, que não cansa de nos surpreender, constituindo-se, portanto, em importante referência para as pesquisas sobre a produção saussuriana.

A apresentação dos artigos segue a sua ordem de disposição no dossiê que, por sua vez, segue uma lógica temática: o linguista, a sua linguística, a sua recepção. Evidentemente, esses temas, por vezes, se entrelaçam no mesmo artigo. Na abertura deste dossiê, o texto de Eliane Silveira, intitulado “Retrato do linguista quando jovem”, faz alusão ao título da obra de James Joyce, *Retrato do artista quando jovem*, pondo em destaque um singular manuscrito saussuriano, o *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, mais conhecido como *Souvenirs*. De acordo com a autora, enquanto o texto do poeta irlandês trilha os caminhos da ficção, o manuscrito *Souvenirs* é marcado por lembranças vivenciadas por Saussure quando jovem. A análise desse documento busca evidenciar um estilo narrativo pouco conhecido, em que o mestre genebrino expressa informações sobre a sua vida que se articulam, de certo modo, com a pergunta mais geral sobre a sua formação de linguista.

Segue-se, então, o artigo “Sobre as margens de uma teoria: a língua e as lendas germânicas”, no qual a autora, Stefania Henriques, questiona certo ruído de que os manuscritos sobre as lendas germânicas são marginais em relação a outras produções saussurianas, principalmente por abordarem questões como o nome próprio, a historicidade das lendas e o aspecto oral dessas narrativas. A fim de discutir esse ruído, a autora parte do conto de Guimarães Rosa “A terceira margem do rio”, metaforizando a teoria linguística como uma canoa que busca se equilibrar no “rio semiológico saussuriano”, o qual abrange produções aparentemente tão diversas, mas ainda assim passíveis de estarem na mesma canoa. Nesse rio, a ideia de margem figura como ponto de encontro, e é esse o momento em que a autora alude à terceira margem, defendendo ser nessa margem que a produção sobre as lendas se encontra com as elaborações saussurianas sobre a língua, considerada como *sistema semiológico por excelência*.

A questão da fala e da voz não cessa de comparecer nas pesquisas mais recentes sobre a produção do genebrino. É assim que no artigo “A fala em Ferdinand de Saussure: faculdade e exercício da linguagem” Micaela Pafume Coelho se debruça sobre notas diversas do genebrino e anotações dos alunos, analisando o modo como os conceitos de *exercício da linguagem* e de *faculdade da linguagem* se articulam com uma possível noção de *fala* em Saussure. Nessa direção, o trabalho da autora nos lembra o *métier* do arqueólogo que, ao observar os resíduos em um dado sítio, depreende a forma do objeto em análise. Na busca por pistas sobre seu objeto de pesquisa, a fala, a autora descobre que propor uma conceituação sobre esse fato linguístico implica uma complexa relação com outros conceitos, que resulta ora em uma possível conceituação, ora na impossibilidade de sua delimitação definitiva.

No artigo “Notas sobre a recusa saussuriana à noção de língua como representação”, Glória Monteiro de Carvalho e Maria de Fátima Vilar de Melo investigam o lugar dado por Saussure à figura vocal como entidade linguística, tendo em

vista a recusa saussuriana da função do signo linguístico em representar algo no mundo. Para tanto, sustentam a hipótese de que essa recusa aponta para um duplo e incessante movimento, em que a figura vocal dá lugar ao conceito de significante, bem como indica seu retorno a partir do corpo do falante. De um modo geral, a proposta das autoras, ao evidenciar a necessária recusa de Saussure da função representativa do signo linguístico, permite que o leitor compreenda esse duplo movimento, operado entre a língua e os efeitos desta sobre o falante, tendo como ponto de encontro a ideia de figura vocal.

Já o artigo “O movimento teórico de Ferdinand de Saussure no *Phonétique* e no(s) Curso(s) de Linguística Geral”, de Thayanne Raisia Silva Lima, parte da hipótese de que o aspecto fônico das línguas foi fundamental para a constituição da língua como objeto da linguística. Para averiguar tal hipótese, são analisados trechos dos cadernos que compõem o manuscrito *Phonétique*, atualmente sob a guarda da Biblioteca de Harvard, assim como alguns cadernos que deram origem ao CLG. A despeito do intervalo de quase duas décadas que separam essas produções, a pesquisadora evidencia o movimento teórico observado nesses manuscritos, conforme hipótese delineada, pondo em relevo a persistência do linguista em investigar os fenômenos físicos e fisiológicos da fala, o que direciona a pesquisa saussuriana para o aspecto psíquico da língua.

Na sequência, no artigo “Em que consiste a identidade linguística? Uma questão saussuriana”, a autora Maria Fausta Pereira de Castro investiga o lugar ocupado pelo conceito de identidade linguística no pensamento saussuriano, defendendo esse conceito como fundamental para o genebrino e destacando que a sua compreensão se liga à escolha de um dado ponto de vista. A autora se pergunta: uma identidade linguística diacrônica tem o mesmo valor em uma perspectiva sincrônica? A resposta implica diversas questões e nos mostra que analisar o conceito de identidade linguística pode se tornar uma tarefa de grande complexidade ao confrontá-lo com a noção de diferença. No aprofundamento dessas e de outras questões, o artigo mostra ainda que o lugar da identidade linguística, em Saussure, é fundamental para se pensar os fatos de língua e de linguagem, e requer do pesquisador contemporâneo uma atenção singular.

No artigo “O signo linguístico: ‘uma importante questão de terminologia’”, Núbia Faria propõe-se a investigar, com base no *Terceiro Curso de Linguística Geral*, o percurso teórico de Saussure em encontrar uma terminologia que refletisse, de forma mais apropriada, a ideia por trás do termo *signo*. Considerando a constante inquietação saussuriana em relação à terminologia, a autora busca examinar a decisão de Saussure em manter o vocábulo *signo* para referir-se à unidade linguística, mesmo sabendo que esse termo era utilizado em outras áreas que estudavam a linguagem, como a filosofia. Tal exame permite à autora reconhecer uma operação teórico-estratégica do mestre genebrino, arriscando-se na continuidade do termo *signo*: a de pôr em evidência a primazia do significante em relação ao significado.

O artigo “O arbitrário e/é a escuta”, de Luiza Milano e Aline Stawinski, fundamenta-se na inquietante pergunta de como nós, falantes, recortamos as unidades linguísticas, trazendo para o debate a relação entre o conceito de arbitrário e a noção de escuta, com base no CLG e no manuscrito *Phonétique*. Para defenderem a relação e a equivalência entre o arbitrário e a escuta, a partir de uma articulação entre autores clássicos e pesquisadores contemporâneos, as autoras centram-se na tensão assimétrica entre o significante e o significado,

ressaltando a incidência do arbitrário sobre o significante, e a importância deste nas relações linguísticas, principalmente no recorte, pelo falante, das unidades da língua.

No artigo “Entre a Edição do CLG e os Anagramas: uma leitura crítica sobre o princípio da linearidade do significante”, Marcen Souza propõe-se a analisar o princípio da linearidade do significante no CLG e nos manuscritos sobre os anagramas, considerando a hipótese de que uma leitura crítica da Edição do CLG permite uma análise diferenciada desse princípio. Isso posto, o autor propõe o seguinte percurso: analisar o trabalho dos editores, observando o modo como esse princípio figura no CLG e também nos cadernos dos alunos. Após esses primeiros passos, ele se detém na produção saussuriana sobre os anagramas, investigando o princípio da linearidade do significante nessa produção. Se é possível constatar o rompimento da linearidade nos anagramas, é possível concordar que o signo linguístico sofre um apagamento total nesse fato poético? Ou não? Que luz a leitura crítica da Edição do CLG pode nos oferecer sobre esse assunto? Eis o que o autor propõe-se a investigar.

No artigo intitulado “Edição e transmissão do/no *Curso de Linguística Geral*”, Bruno Turra estabelece a escrita como ponto teórico de análise, buscando situar o lugar desse sistema gráfico na delimitação da língua enquanto objeto da linguística. Tal exercício passa, em um primeiro momento, por uma incursão panorâmica da edição e do CLG, com destaque para as marcas dos editores. Além dessa incursão, o autor examina o gesto inicial de Saussure em excluir a escrita e, na medida em que tal gesto não se efetiva, acaba por contribuir, de modo significativo, para a delimitação e compreensão da língua como sistema de signos e objeto da linguística. Valendo-se de um material bibliográfico qualificado, o artigo coloca em campo os encaminhamentos teóricos de Saussure e os gestos dos editores, imprescindíveis para a edição do CLG, assim como para as futuras reflexões sobre as línguas e a linguagem, na Linguística e nas ciências humanas de um modo mais geral.

O artigo intitulado “Saussure em francês e Saussure em português: eles dizem (quase) a mesma coisa?”, de Valdir do Nascimento Flores e Sara Luiza Hoff, é motivado pela preocupação a respeito da recepção da produção saussuriana no Brasil e traz como referência de pesquisa a obra de Umberto Eco, *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Partindo da hipótese de que a tradução não significa operar no domínio da sinonímia, uma vez que é preciso considerar o fator diferencial entre as línguas, o artigo objetiva examinar em que medida as traduções para a língua portuguesa, do CLG e do *Escritos de Linguística Geral*, interferem diretamente na compreensão das teorias traduzidas/transmitidas. Apresentando uma investigação consistente e devidamente subsidiada pela teoria da tradução, bem como um conhecimento amplo da teoria saussuriana, o artigo cumpre com o que se propõe e contribui para as reflexões no domínio dos estudos saussurianos em particular e da tradução em geral.

O artigo que fecha a revista, intitulado “Biblioteca saussuriana à la Borges: um convite”, de Maria Iraci Souza Costa, Caroline Mallmann Schneiders e Amanda Eloina Scherer, convida o leitor para um passeio à ficcional biblioteca saussuriana, organizada ao modo de “A Biblioteca de Babel”, conto de Jorge Luís Borges. As autoras propõem-se a levar o leitor às *galerias hexagonais* de Borges, mas considerando a variedade das produções do mestre genebrino, desde as produções escritas e publicadas por ele mesmo até aquelas que, ainda na

forma de manuscritos, virão a ser publicadas. Para além do mérito do artigo em expor a organização dessa herança, a biblioteca saussuriana *à la* Borges reflete a própria complexidade do pensamento do mestre suíço.

Vê-se que esse volume atesta, afinal, que a produção saussuriana está também alinhada à definição de clássico para Borges: “é aquele livro que uma nação ou grupo de nações, ao longo do tempo, decidiram ler como se em suas páginas tudo fosse deliberado, fatal, profundo como o cosmo e capaz de interpretações sem término”.